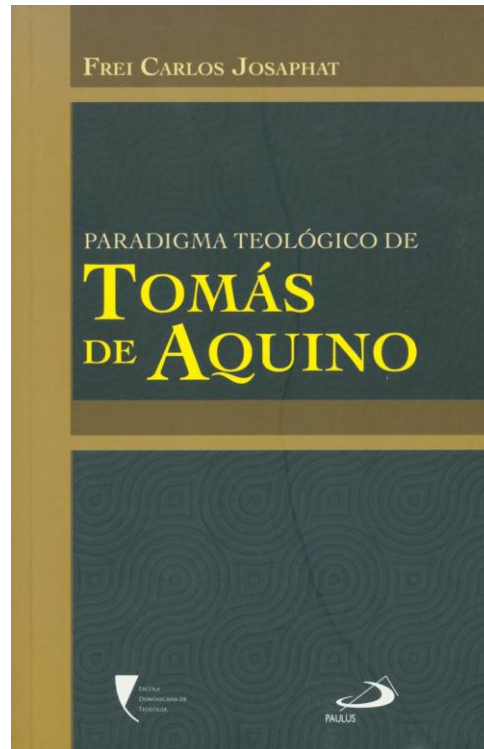


Resenha - *Paradigma Teológico de Tomás de Aquino* de Frei Carlos Josaphat

(São Paulo: Paulus/Escola Dominicana de Teologia, 2012. pp. 888).

Domingos Zamagna¹



A *Suma de Teologia* de Santo Tomás de Aquino (1224-1274) é um clássico que se impõe pela clareza, serenidade, rigor metodológico, profundidade doutrinal e largueza de espírito. Para o ocidente cristão, a *Suma* é o clássico por excelência da sabedoria teológica e filosófica.

Os que a conhecem e a estudam não se limitam a formalismos acadêmicos. Trata-se de uma obra que demonstra apaixonado amor à verdade, despertando igual sentimento nos leitores. Difícil não se render a um autor – humilde sábio – que se caracteriza por tão entranhado compromisso na aplicação da razão humana na investigação sobre Deus, melhor dizendo, sobre os mistérios de Deus. Servindo-se da mediação da filosofia, o doutor cristão medieval se esmera em dialogar com a Bíblia, os pensadores judeus, gregos, latinos e árabes, ocidente e oriente, numa originalidade criativa que se mostra apreciável e, ainda hoje, modelar.

¹ Jornalista e professor de Filosofia no Centro Universitário UNIFAI e na FAPCOM – Faculdade Paulus de Tecnologia e Comunicação. Doutorando em Filosofia da Educação na Faculdade de Educação da USP.

O livro *Paradigma Teológico de Tomás de Aquino* veio preencher uma lacuna na bibliografia em português sobre Tomás de Aquino. Temos bons historiadores, medievalistas, filósofos e teólogos que já nos apresentaram excelentes textos sobre Tomás de Aquino. Mas nenhum com a abrangência com que trabalhou Frei Carlos Josaphat Pinto de Oliveira, religioso dominicano, professor emérito do Instituto Bartolomeu de Las Casas - Escola Dominicana de Teologia (Rua São Daniel, 119 - Alto do Ipiranga – Cep 04288-110 São Paulo – SP).

Certamente o autor é dos mais qualificados para nos apresentar o pensamento tomasiano, pois há mais de cinquenta anos realiza estudos especializados na obra de Tomás de Aquino. Na década de 50 fez estudos teológicos sobretudo com M. J. Nicolas e M. M. Labourdette, no Studium Dominicano de Saint Maximin (Var, sul da França) e Toulouse. Na década de 60 fez seu Doutorado em Teologia em Paris, nas Faculdades Le Saulchoir, onde conviveu com alguns dos melhores intérpretes de Tomás de Aquino: M. D. Chenu, Y. Congar, L. B. Geiger, M. J. Lebreton, C. Geffré, E. H. Weber, E. Gilson, A. de Libera, T. Camelot, A. Pattfoort. Tornou-se amigo e interlocutor de J. Maritain, E. Schillebeeckx, D. Mongillo (e, na América do Sul, Alceu Amoroso Lima, G. Gutierrez e H. C. Lima Vaz), outros grandes intérpretes de Tomás de Aquino, bem como alguns dos seus editores na Comissão Leonina, tais como P. M. de Contenson, B. Montagnes, H. F. Dondaine, R. A. Gauthier.

Logo após o Concílio do Vaticano II (1962-1965), durante 25 anos, Frei Carlos lecionou na Universidade de Fribourg (Suíça), reconhecido centro de especialização em estudos sobre Tomás de Aquino. Ali também conviveu com alguns dos maiores estudiosos do pensamento de Santo Tomás, podendo certamente aprofundar ainda mais seus conhecimentos. Dentre outros, foram seus pares: Ch. Journet, G. Cottier, H. Nicolas, C. Spicq, S. Pinckaers, J. P. Torrell. É claro, porém, que este ambiente cultural predominantemente franco-suíço não desconheceu o diálogo com autores e escolas do mundo anglo-germânico e ibérico. Além dos cursos, Frei Carlos orientou centenas de dissertações e teses de estudantes de várias partes do mundo. A obra em questão é fruto portanto de um pesquisador de grande envergadura.

Estas observações são importantes porque ultimamente surgiram alguns grupos que desejam se empoderar do pensamento de Tomás de Aquino, dizendo-se “tomistas”, como se só isso fosse suficiente para um pretensão atestado de ortodoxia doutrinária. Um clássico não é para ser repetido, afirma Frei Carlos, um clássico não se copia. O que faz um clássico “é quando um autor aborda os problemas essenciais de maneira criativa e continua a incitar à criatividade”.

A *Suma* começou a ser elaborada em Roma, no Convento/ Studium de Santa Sabina (Aventino), em 1265. Tomás tinha quarenta anos, já fora professor na Alemanha (Colônia), França (Paris) e Itália (Orvieto e Roma). Ela representa, como obra de maturidade do autor, “um novo modo de sintetizar, construir e transmitir as doutrinas, irmanada modestamente com as universidades e as catedrais, formando o conjunto que se alteia como a vistosa cordilheira dos grandes símbolos culturais da época medieval” (p. 24). Durante nove anos Tomás canalizará seus esforços para consolidar esse expressivo empenho de diálogo, dentro do mundo universitário, entre as tradições cristãs e o universo das novas pesquisas e aspirações, vindas das leituras e releituras dos predecessores, mas totalmente aberto para o “novo” que despontava na cristandade em crise.

A obra contém um capítulo preliminar que situa o longo itinerário de produção da *Suma*, em meio a grande efervescência cultural. Em seguida Frei Carlos apresenta, em quinze capítulos, o conteúdo doutrinário desta grande catedral do saber, desde o “discurso do método” de Tomás (1ª questão da 1ª Parte), até o final da *Suma* (questão 90 da 3ª Parte), quando o autor interrompe o trabalho. Como é sabido, a *Suma de*

Teologia ficou inconclusa, por causa da enfermidade de Tomás. Mas Frei Carlos transforma esse fato numa aporia: “o Doutor teimou em largar em nossas mãos a *Suma de Teologia* por acabar”.

A intenção de Frei Carlos não é a de dispensar o estudioso, sobretudo os jovens universitários brasileiros, de ler a *Suma de Teologia*. Pelo contrário, pretende dar-lhes os instrumentos necessários para estudá-la com proveito. Um desconhecimento do caráter técnico desse gênero literário pode ser fatal na abordagem de uma obra tão articulada. Daí também a razão de “fazer falar” o próprio Tomás, isto é, a inserção de abundantes textos para ilustrar a apresentação.

O penúltimo capítulo resume admiravelmente os principais temas; trata-se de uma síntese doutrinal que recapitula as grandes linhas de um paradigma teológico, transdisciplinar e integrador.

Frei Carlos Josaphat termina seu trabalho com um audacioso ensaio sobre o pensamento tomasiano que ultrapassa os contornos da Idade Média, atravessando o oceano, pelas mãos e inteligência de seus confrades, para reverberar na modernidade do novo mundo. Com efeito, há cinco séculos, em 1510, os primeiros missionários dominicanos, na sua reduzida bagagem, trouxeram para as Américas a *Suma de Teologia* de Tomás de Aquino, juntamente com o comentário recente do cardeal Cajetano (1469-1534). Foi com a inspiração do velho mestre do século XIII que iniciaram a refletir, e inovar, para enfrentar os desconhecidos desafios da evangelização de uma nova terra, com os alcances, mas também os limites, da Igreja da Contra-Reforma. Da fidelidade criativa desses missionários despontou a notável figura de Frei Bartolomeu de Las Casas, o grande defensor dos índios latino-americanos.

Bartolomeu de Las Casas, contudo, abre uma nova frente de trabalho de Frei Carlos Josaphat, pois ele está coordenando a tradução e edição das obras completas desse autor. Já foram publicados três de um total de oito volumes (Editora Paulus).

Recebido para publicação em 12-08-12; aceito em 11-09-12